

FISHLOW

Minha decisão de fazer doutorado em Berkeley começou na graduação em economia, na UFMG. Eu admirava a combinação de rigor empírico e perspectiva crítica estrutural do trabalho de autores como Malan e Bonelli, Paulo Vieira da Cunha e Ricardo Lima, os dois últimos na área de mercado de trabalho, que era minha especialização. Mais tarde, vim a saber que Fishlow era um denominador comum na formação de todos eles. A despeito dessa admiração, minha entrada em Berkeley foi no grupo de demografia, como decorrência do meu mestrado em economia com especialização em demografia, feito no Cedeplar da UFMG. O Professor Richard Easterlin, da Universidade da Pennsylvania, me escreveu, em resposta a contato que fiz com ele, mediado pelo meu orientador de mestrado Paulo Paiva, dizendo que, se eu desejasse fazer demografia econômica eu tinha de ir para Berkeley e trabalhar com o Professor Ronald Lee.

Segui à risca aqueles conselhos e cheguei a Berkeley para fazer meu doutorado em demografia em agosto de 1982. É preciso dizer que eu era um verdadeiro mineiro jucu (caipira), jamais tinha saído do Brasil e tinha um inglês sofrível. Não havia sequer passado no TOEFL. O *Dean of the Graduate Division* disse que só estava me aceitando pelo meu potencial e graças às excelentes cartas de referência, mas que eu teria de chegar três meses antes para fazer um reforço de inglês. Cheguei uma semana antes das aulas começarem. Posteriormente soube, pelo nosso grande líder da comunidade brasileira de estudantes à época, Edson Nunes, que havia uma bolsa de apostas sobre quanto tempo demoraria para eu ser “deportado” de volta ao Brasil, jubilado pela universidade. Mais tarde, soube também que o Fishlow era muito preocupado com as minhas perspectivas por causa deste contexto, tendo conversado com o Edson a meu respeito.

Cheguei a Berkeley num momento muito particular em relação ao Fishlow. Só havia um brasileiro fazendo doutorado em economia, o Ricardo Silveira, que fez graduação nos EUA e mestrado na UC Davis com o Peter Lindert. Sua ligação com a economia brasileira era nula. Ele havia cursado demografia econômica com o Ronald Lee. O Fishlow estava dando aula em Yale. No primeiro ano, eu tinha de cursar as disciplinas básicas de demografia e apenas a partir do segundo ano eu poderia transitar nas disciplinas de economia. Não sei precisar em que momento passei a me considerar um demógrafo ao invés de economista, mas naquele momento eu me considerava um economista travestido de demógrafo pela excelente base em demografia que o Cedeplar havia me transmitido. Todos os professores da demografia lamentavam que o Fishlow não estivesse lá, pois ele seria muito importante na minha formação. Nesse contexto, talvez em meados de 1983, surgiu a notícia de que o Fishlow estaria voltando para Berkeley.

Antes de voltar para Berkeley, ainda formalmente em Yale, Fishlow ofereceu um curso em Stanford. Era um curso sobre desenvolvimento e Brasil. O Edson Nunes, que era o coordenador das atividades de Brasil no Latin American Center de Berkeley e conduzia estas atividades com uma habilidade que nunca mais foi replicada, me alertou sobre o curso, que foi oferecido na Bolívar House em Stanford, casa do centro latino-americano daquela instituição. Tínhamos que dirigir até Palo Alto para assistir as aulas do

Fishlow. Valeu todo o esforço pois nos beneficiávamos de todos os minutos daquelas excelentes *lectures*. A audiência era diversa, incluindo historiadores, cientistas políticos, entre outros. Da turma de Stanford e UC Santa Cruz, lembro-me de Claudio Frishtak, Renato Boschi, Sandra Azeredo, entre outros. Este era um momento que antecedia o movimento “Diretas Já” no Brasil. Ir a Stanford era particularmente prazeroso, pois podíamos ir à *Green Library* ler o Jornal do Brasil com apenas uma semana de atraso, um luxo para um momento em que internet ainda não existia. As aulas do Fishlow contribuíram muito para que, num segundo momento, fosse organizado o “Levante de Union Square”, congregando estudantes de Berkeley e Stanford, que foram ao Union Square em San Francisco para protestar contra o Presidente Figueiredo e pedir “Diretas Já”. Edson Nune chegou a dar entrevista no Jornal Nacional em nome do movimento.

O retorno de Fishlow a Berkeley preencheu todas as expectativas que tínhamos com relação a um *revival* da era de ouro dos brasileiros na economia de Berkeley. Mais ainda, claramente a perspectiva era ampliada para um contexto latino-americano. Eu não era economista e o Ricardo Silveira era, de certa maneira, um *outlier*. Realmente, o primeiro brasileiro a chegar após a volta de Fishlow foi o Gesner Oliveira, que veio com o Prêmio BNDES de economia para sua dissertação de mestrado na Unicamp. No ano seguinte vieram Armando Castellar Pinheiro e Lauro Ramos do IPEA, além do Daniel Gleizer que chegava de Illinois. Essa era a primeira geração da segunda era Fishlow em Berkeley. Entre os estrangeiros, Ariel Fiszbein (Argentina), Aslan Cohen (México), Eduardo Fernandez-Arias (Uruguai), e William Maloney (EUA) completavam o time. Se não me engano o Carl Schmertmann (EUA) também fez o curso de desenvolvimento do Fishlow e acabou sendo introduzido à demografia por mim, tendo sido Rockefeller Fellow no Cedeplar posteriormente.

O curso de desenvolvimento do Fishlow era central para aqueles economistas que fariam a especialização, o *field in development*. Era um curso crucial para a minha formação também, pois cobria todos os mercados estruturais para o desenvolvimento, incluindo a questão populacional, a migração, o mercado de trabalho e o capital humano, além da distribuição de renda.

Lembro-me que este curso era também apreciado por não-economistas. Na minha turma havia um colombiano, Arturo Escobar, que fazia antropologia e tinha sido assistente do Foucault quando este esteve em Berkeley. Na época eu achava o Arturo meio maluco, pois ele me dizia que não queria aprender economia, mas sim fazer a análise do discurso de desenvolvimento em economia (eu não tinha a menor ideia de que essa era uma das metodologias foucaultiana). Hoje, Arturo é consagrado Professor de Antropologia na Universidade da Carolina do Norte, tendo com uma das áreas a crítica pós-moderna ao discurso do desenvolvimento. Jose Luis Curbelo Ranero (Curbelo), orientando do Manuel Castels no “City Planning”, espanhol, barbudo e com uma aparência revolucionária, às vezes com um lenço palestino, estava sempre presente nas aulas de “development”. Por causa deste contato acabei apresentando-o ao Professor Clelio Campolina, do Cedeplar, e ele passou um ano no Brasil lecionando economia regional. Posteriormente foi para o BID e finalmente retornou à Espanha, onde chegou a dirigir uma instituição financeira voltada para o desenvolvimento.

A volta de Fishlow a Berkeley acarretou não só um aumento no número de alunos brasileiros, mas também um fluxo de professores visitantes. Particularmente, convivi com Luiz Ablas, Mauricio Barata, Carlos Luque e Luiz Martins da USP. Lembro-me também de interagir com o Aloísio Araujo do IMPA exatamente quando o Debreu, seu orientador, ganhou o prêmio Nobel de economia.

O evento mais marcante desta nova fase de prestígio foi a realização de um seminário, no início da democratização brasileira. Lembro-me das reuniões no *Faculty Club* de Berkeley. Estavam lá Malan, Bonelli, André Lara Resende, Chico Lopes, Persio Arida, Celso Martone, entre outros. À luz da história, dizem que este seminário foi a primeira simulação do desenho do Plano Cruzado, então submetido ao debate interno e avaliação do Fishlow.

Vou me reportar agora a aspectos idiossincráticos, alguns hilários, sobre a personalidade do Fishlow, aspectos estes que faziam parte do folclore e da cultura Fishlow entre os brasileiros. Como eu fui dos primeiros brasileiros a interagir com o Fishlow na sua segunda era, e havia convivido com o Edson, que fez parte da primeira era e do interregno, não só eu tinha minha própria experiência, mas também ouvia histórias sobre o Andrea Callabi, Paulo Zagen, Ricardo Lima, entre outros. Neste contexto, no início da segunda era Fishlow, eu virei uma espécie de psicólogo informal aos novos alunos, principalmente sobre como lidar com o Fishlow.

O primeiro conselho que eu dava a todos era: fale em português. O Fishlow sempre falou um excelente português e se orgulhava disso, com razão. Falar em português com os brasileiros era uma gentileza nem sempre entendida por todos. Então eu contava que reza a lenda que, em uma reunião de orientação, em um momento de debate, um certo orientando brasileiro, no meio da discórdia com o Fishlow, teria proposto trocar o idioma falado, dizendo que ele (Fishlow) não estaria entendendo o ponto teórico, e que o inglês dele (aluno) era melhor do que o português do Fishlow. Toda a lenda tem uma moral, no caso a moral da história é que o arrogante nunca mais se fez entendido e não conseguiu terminar a tese. Esse “causo” era ouvido com bastante atenção por todos.

Um outro aspecto folclórico do Fishlow era o seu *office hours*. Ele era muito requisitado nos seus horários de atendimento. Com todo o seu prestígio sobre Brasil e América Latina, ele era demandado não só pelos alunos e orientandos, mas também por todos os sociólogos, cientistas políticos, antropólogos e afins que iam fazer a tese ou escrever um *paper* sobre a região. O corredor ficava cheio de pessoas sentadas no chão, esperando a hora de entrar na sala do Fishlow, uma verdadeira “fila de INPS”. Não era incomum o Fishlow pedir, quando entrávamos em sua sala, para aguardar um pouco que ele estava terminando a leitura das páginas que havíamos lhe enviado. Alguns alunos mais arrogantes ficavam revoltados com isso, achando que ele não havia lido o material enviado, mas a realidade era que, lendo pela primeira vez ou não, seus comentários e críticas posteriores eram fatais e precisos. Sempre admirei esta precisão de sua leitura diagonal em pleno *office hours*. No auge de minha carreira acadêmica, várias vezes me vi pensando nessa habilidade e precisão do mestre como um modelo a ser seguido por mim.

Havia também um seminário informal só para os alunos que trabalhavam para o Fishlow. Estes seminários serviam como uma pré-defesa do projeto de tese. O Fishlow

era particularmente crítico nesses seminários, batia muito, e sempre dizia que devíamos agradecer por isso. Dizia ele: aqui você tem, pela única vez em todo o período acadêmico, a chance de concentrar minha atenção por uma hora inteira. Eu passei por este crivo e posso dizer que o seminário foi crucial para o meu desempenho posterior na elaboração da tese.

Além de ter acompanhado o início da segunda era Fishlow, eu tinha uma identidade com ele por ser demógrafo, assim como Harriet, sua esposa. Fishlow foi meu co-orientador, tendo participado do meu comitê de tese e da minha banca de qualificação. Quando minha tese foi concluída, Fishlow me ofereceu um jantar em sua casa no *Berkeley Hills*. Foi um jantar que contou apenas com a minha presença, além dele e de Harriet. Ao terminar o jantar, ele foi lavar os pratos e fui tentar ajudar, mas ele disse que não, que naquela noite eu era o homenageado. Fiquei profundamente tocado com esta generosidade pessoal. Ele mesmo fez questão de lembrar a minha trajetória pessoal, as dificuldades iniciais de língua e falta de background, e que isso só valorizava aquela honra. Essas foram lições que carrego até hoje como marca de uma postura acadêmica de um verdadeiro mestre e mentor.